



Conteúdo disponível em: <https://www.ifgoiano.edu.br/periodicos/>

Multi-Science Journal

Website do periódico: <https://www.ifgoiano.edu.br/periodicos/index.php/multiscience>



Artigo Original

Os estudos toponímicos: considerações acerca da relação língua, cultura e identidade

Cleber Cezar da Silva^{1*}, Kênia Mara de Freitas Siqueira²

¹Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí, GO, Brasil. *Autor para correspondência: cleber.silva@ifgoiano.edu.br

²Universidade Estadual de Goiás e do Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem PMEL/Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, GO, Brasil.

INFO ARTIGO

Histórico do artigo
Recebido: 24 fevereiro 2016
Aceito: 22 março 2016

Palavras chaves:

Língua
Linguagem
Cultura
Identidade
Estudo toponímico

ABSTRACT

This article aims to discuss, in general, as the toponymic studies are related to culture, history and the physical space of a given community. The methodology consists of investigation and review of the theoretical assumptions that have been the reasons for linguistic analyzes of as designating places. A review of the concepts permeates the term "language and language" in Saussure and Sapir (1980), penetrates the criticism of these concepts in Bakhtin (2010). In relation to the concepts of culture and identity, we seek the reasons in Bosi (1987, 1995), Castell (2000), Silva (2000) and Hall (2004). To toponymic theoretical contributions, as has become consensual, it breaks Dick (1990, 1992), Isquerdo (1997, 2012), Andrade (2010) and Siqueira (2012), to show the interrelationship (inherent) in a place name with a set "lingual cultural" factors that it becomes a common name for himself by deliberate processes and culturally motivated culminating in the choice, never random, a specific locative (and no other) to a particular place also.

1. Introdução

Este estudo tem o objetivo de rever algumas questões que evidenciam a estreita ligação entre os estudos toponímicos, cultura, história e ainda o espaço físico de uma dada comunidade. Ao tentar elucidar a motivação subjacente ao nome que designa um determinado lugar, deslinda-se, de certa forma, uma teia de relações que interliga fatores de diversas ordens o que pode trazer à tona elementos da cultura, da história, da geografia, da sociedade, isto é, do lugar nomeado. Assim, este estudo visa perpassar os caminhos da linguagem, vinculando língua, cultura e identidade, para desaguar na relação (revisitar) linguagem e cultura, por meio dos estudos onomásticos e toponímicos.

É consensual afirmar que a linguagem é um meio de interação entre os indivíduos, por meio dela também se fortalece fatores sócio-histórico-culturais de um povo (Andrade, 2010). Em outras palavras, toda língua reflete as condições da sociedade e do círculo cultural do qual é a base das interações.

Dessa forma, não se pode deixar de observar que, de acordo com Bakhtin (2010), a identidade nacional é um discurso e, sendo assim, ela, como qualquer discurso, é constituída dialogicamente, ou ainda, sócio-historicamente.

A linguagem, considerada no âmbito da ciência linguística, é multi, trans e interdisciplinar, pois abrange vários estudos de interesse de diversas outras áreas. É possível, pois,

nesse sentido, reafirmar a concepção de Saussure acerca do caráter multifacetado da linguagem, pois segundo o autor "a linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro". (2008, p. 16). Esses fatores podem, de alguma maneira, indicar tanto a cultura como as identidades de uma dada população.

No que tange aos Estudos Toponímicos, não constitui tarefa complexa reafirmar que o ato de nomear se reveste de inúmeros elementos que advêm do contexto em que se insere, ou melhor, a nomeação, em geral, e mais especificamente a nomeação de lugares, carrega, em seu bojo, toda sorte de fatores que culminam na escolha de um dado nome para um dado lugar. Um topônimo é um nome, pertence ao léxico de uma língua, é linguagem. Dessa maneira, o estudo toponímico deve a priori, buscar analisar os elementos linguísticos do nome para então interliga-los aos fatores extralinguísticos (culturais, sociais, históricos, ambientais). Assim, os objetivos dos estudos em Onomástica e Toponímia sempre se entrecruzam, pois, os pesquisadores por meio do léxico buscam evidenciar os fatores sócio-histórico-culturais dos lugares que tomam como recorte para suas pesquisas.

Posto isso, convém ressaltar que este trabalho pertence à grande área dos estudos da linguagem, língua e cultura, já que permeiam a motivação toponímica em relação ao léxico (topônimos) que designam os nomes de próprios de lugares.

A metodologia consiste no levantamento e na revisão da bibliografia mediante leituras realizadas acerca da temática em estudo.

2. Língua(gem)

É pelo uso da língua que cada grupo humano nomeia o ambiente que o cerca em função, especialmente, de suas necessidades mais imediatas. De alguma maneira, esses aspectos denotam a interinfluência que existe entre a linguagem e a forma de cada agrupamento humano ver o mundo.

Torna-se, necessário assim, rever os conceitos de língua que vem norteando os estudos linguísticos desde sua instituição como ciência com Saussure, no início do século XX. Desta forma, é possível observar o conceito de língua, objeto de estudo da Linguística, quando Saussure faz seu primeiro movimento epistemológico, ou seja, faz um recorte no sentido de indicar as dimensões de um estudo da língua e um estudo da linguagem (semiótica¹).

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade. (Saussure, 2008, p.17).

Essa definição de língua possibilitou a instituição da ciência linguística e, conseqüentemente, seus inúmeros desdobramentos. Sapir, por exemplo, ressalta a confluência, ou a estreita ligação entre língua e cultura, já que, para o autor:

Toda língua tem uma sede. O povo que a fala, pertence a uma raça (ou a certo número de raças), isto é, a um grupo de homens que se destaca de outros grupos por caracteres físicos. Por outro lado, a língua não existe isolada de uma cultura, isto é, de um conjunto socialmente herdado por práticas e crenças que determinam a trama das nossas vidas. (1980, p. 165).

Nessa perspectiva, reafirmando que “língua” se difere de linguagem, mas se entrecruza com ela, ou faz parte dela como uma das inúmeras formas de linguagem, e ainda considerando-a um dos fatores de identidade de um povo e que não existe isolada da cultura, é que se torna objeto de estudos e conseqüentemente, envolve fatores sócio-histórico-culturais de determinadas comunidades.

Ainda no que se refere à língua, é possível citar Bakhtin, quando considera a língua como um processo de interação² entre indivíduos historicamente situados e construídos:

A língua não se transmite; ela dura e perdura sob a forma de um processo evolutivo contínuo. Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar. [...] Os sujeitos não “adquirem” sua língua

materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência. (Bakhtin, 2010, p. 107-108).

Consideradas tais definições de língua, pode-se entendê-la como um instrumento³ de imersão do indivíduo na comunidade, é por meio dela que interage em sociedade. Relacionar esses três autores pode parecer inconsistência teórica, já que Sapir tem mais afinidade com teóricos como Humboldt e Bakhtin, ao analisar as duas orientações sobre os conceitos de língua que vinham influenciando os estudos linguísticos até a segunda década do século XX (subjetivismo idealista e objetivismo abstrato), invalida o conceito saussuriano por conceber a língua como um sistema fechado, abstrato e rechaça, de certa forma, o que Humboldt afirmara sobre o falante só tem acesso ao mundo mediado pela linguagem. Bakhtin (2010) discute a ideia humboldtiana de que a língua, como sistema estável, é um produto acabado, ergon. É, pois, um depósito inerte, mas se materializa na forma de atos de fala individuais.

Por outro lado, ao enfatizar o caráter dialógico das interações verbais é possível utilizar a definição de língua proposta por Bakhtin (2010). Assim, este estudo acolhe tanto os conceitos de Saussure, Sapir e Bakhtin no que concerne, respectivamente: a língua em sua estrutura, um sistema; a língua analisada em relação à cultura na qual está inserida e a língua como interação entre indivíduos que compartilham a mesma história, a mesma base cultural o mesmo lugar.

Geraldí (1984) retoma a análise (crítica) feita por Bakhtin sobre as três concepções de linguagem e apresenta uma síntese oportuna para este trabalho: (i) linguagem como expressão do pensamento, (ii) linguagem como instrumento de comunicação e (iii) linguagem como forma de interação.

A linguagem como expressão do pensamento fundamenta-se, de acordo com Perfeito (2005), na tradição gramatical grega, passando pelos latinos, pela Idade Média e pela Moderna, tendo rompimento efetivo apenas no início do século XX, com Saussure.

Já a língua como estrutura⁴ de Saussure, é vista como um sistema abstrato formado por um conjunto de signos linguísticos, que combinam de acordo com um sistema de regras e é capaz de transmitir uma mensagem.

Na terceira concepção de linguagem – linguagem como forma de interação, Bakhtin (2010), ressalta que o lócus da linguagem é a interação, pois para o autor marxista, é por meio da linguagem que os indivíduos se interagem, comunicam e realizam as trocas de experiências e conhecimento.

Assim, a linguagem pode ser entendida como expressão cultural e identitária de um povo. É nessa perspectiva que este estudo se pauta para referendar que qualquer estudo do léxico de uma língua se encontra estreitamente vinculado à cultura do povo que fala essa língua, pois, conforme Sapir, o léxico é a fronteira da língua, é a parte mais susceptível às influências do meio seja cultural, social ou ambiental. Assim, o estudo dos nomes de lugares se finca nos aspectos linguísticos do topônimo motivados pela cultura da qual emergem.

3. Cultura e identidade

A cultura, por sua vez, é a esteira da vivência humana e a manifestação dos costumes e valores de uma dada comunidade. O homem é, portanto, um ser cultural, é a cultura que o permite adaptar-se aos diferentes ambientes.

¹ Na verdade, Saussure cunha o termo “semiologia”, o termo “semiótica”, é usado por Charles Sanders Pierce, contemporâneo do mestre genebrino.

² Concepção de linguagem de Vygotsky, cujos desdobramentos caracterizam as correntes interacionistas e sócio-interacionistas no estudo da linguagem. Para Vygotsky (2000), o desenvolvimento cognitivo do aluno se dá por meio da interação social, ou seja, de sua interação com outros indivíduos e com o meio.

³ Instrumento, mas não uma coisa, a língua possibilita a comunicação, a interação, mas não é uma coisa; talvez seja a própria interação.

⁴ O termo “estrutura” foi usado, não por Saussure, mas por Hjelmslev (Escola de Copenhague).

Definir cultura, não é o foco desta pesquisa, mas é possível, à guisa de uma breve revisão, acolher os conceitos de cultura advindos da Antropologia e de outras ciências. Bosi (1995), define cultura como culto e colonização, seus elementos linguísticos, vêm do verbo latino *colo*, que significa 'eu ocupo a terra'. Em outras palavras, a cultura é a transmissão de valores e conhecimento para cada geração que segue uma a outra.

Ainda para Bosi (1987), cultura é o conjunto de práticas, de técnicas, de símbolos e de valores que devem ser transmitidos às novas gerações para garantir a convivência social. Porém, cabe ainda pensar,

que não existe uma cultura brasileira homogênea, matriz de nossos comportamentos e dos nossos discursos. Ao contrário: a admissão do seu caráter plural é um passo decisivo para compreendê-la como um "efeito de sentido", resultado de um processo de múltiplas interações e oposições no tempo e no espaço. (Bosi, 1987, p. 7. Grifos do autor).

Nesse sentido, a cultura se constrói a partir das vivências e sentidos que lhe são atribuídos pela própria sociedade em suas práticas sociais. Bosi (1987), reitera que o fundamento cultura popular "é o retorno de situações e atos que a memória grupal reforça, atribuindo-lhes valor" (p. 11). Isso são as marcas identitárias da comunidade que são deixadas e vivenciadas (ou vivificadas) em tempos depois.

Já que o homem é cultural, então as suas expressões culturais revelam a(s) sua(s) identidade(s), pois de acordo com Silva (2000, p. 89), a identidade "é um significado – cultural e socialmente atribuído". Por isso, ainda nas palavras do autor, ela não o é fixa, é marcada pela inconstância, uma vez que está em construção.

A identidade é, portanto, construída, conforme esclarece Castell (2000, p. 23-24),

toda e qualquer identidade é construída. [...] A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espço.

Conforme Hall (2004, p. 50-51), entremeados às manifestações culturais, aos costumes, há também símbolos e representações, que, em algum momento, se expressa na linguagem, assim:

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos [...] As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre "a nação", sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. (Grifo do autor).

Para estabelecer as bases teóricas de um estudo toponímico, não há como desvincular língua, cultura e identidade, pois são conceitos intrinsecamente ligados, uma

vez que é por meio da língua que a cultura se constitui, é difundida e é também por meio dela que ocorrem os processos de identificação. Nesse sentido, faz-se mister citar a taxionomia de Maria Vicentina de Paula Dic(1990), cujos catogremas constituem a sistematização dos dados (em taxes) justificada por relações icônicas e simbólicas, pois, para Dick (1990), o topônimo, ao designar um determinado lugar, representa uma projeção aproximativa do real (os elementos de natureza física e de natureza cultural que permeiam a motivação).

4. Estudos Toponímicos

A linguagem é um meio de interação entre os indivíduos, é pela linguagem que se expandem os fatores sócio-histórico-culturais de um povo. Nesse sentido, toda língua reflete as condições da sociedade e do círculo cultural a que pertence. Segundo Andrade (2010, p.99):

A linguagem, numa perspectiva global, não pode ser explicada apenas como uma mera estrutura formal e semântica. Deve-se, também analisar sua vertente social. É por via da linguagem que as pessoas se comunicam, se expressam, se localizam, transmitem suas crenças mais antigas, organizam e estruturam seu pensamento.

É mediante a observação dos vínculos entre língua e cultura, que se busca compreender o ato de nomear as pessoas e também os lugares, objetos de estudo da Onomástica e Toponímia respectivamente (Antroponímia – estudo de nomes próprios de pessoas – Toponímia – estudo do nome próprio de lugares).

A importância de se estudar determinado assunto, justifica-se em Sousa (2012, p. 1), que:

A onomástica – ramo da linguística que se ocupa do estudo dos nomes próprios de pessoas (antropônimos) e de lugares (topônimos) – tem se apresentado, atualmente, como um campo rico para investigações, uma vez que o levantamento e a análise dos antropônimos e/ou dos topônimos constituem um resgate sócio histórico, podendo refletir fatos e ocorrências de diferentes momentos da vida de uma sociedade. Desta forma, o antropônimo e o topônimo adquirem valores que transcendem o próprio ato de nomear. No Brasil, por exemplo, muitos trabalhos científicos têm sido desenvolvidos pondo em tela fatos onomásticos, especialmente aqueles ligados à toponímia.

A Toponímia, segundo Dick (1990, p. 36), reflete "um imenso complexo língu cultural, em que dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e não exclusivamente". Sobre o termo, de acordo com Andrade (2010), "toponímia" vem do grego *topos* "lugar" e *onoma* "nome". Basicamente, busca estudar nomes de lugares e designativos geográficos – físicos, humanos ou culturais (rios, córregos, ribeirões, morros, cerras, ruas, cidades, praças, fazendas, povoados).

O objeto de estudo da linguística é o signo, que, para Saussure (2008), é marcado pela arbitrariedade⁵. Diferentemente, o signo toponímico tem uma origem não arbitrária, é permeado pela motivação. Todo topônimo adveio de um fator que impulsionou sua escolha e não outra qualquer. Assim, na Toponímia, segundo Dick (1990), o signo é diferenciado pela função onomástica, isto é, tem a função de identificar nomes caracterizados pela motivação, transformando os nomes comuns em nomes próprios por processos que envolvem diferentes fatores.

nome de lugar é motivado por fatores culturais, históricos, geográficos que, de alguma forma, o caracterizam.

⁵Não constitui escopo deste estudo, promover uma discussão exaustiva acerca do caráter convencional do signo linguístico, cabe apenas ressaltar que o signo toponímico difere do signo linguístico pela motivação que possui, ou melhor, um

Pode-se dizer ainda que o signo toponímico apresenta caráter plurissignificativo, uma vez que, pode revelar a história, as particularidades socioculturais dos habitantes e do lugar, o qual teve a motivação para designar o topônimo.

Segundo Isquierdo (1997, p. 33), a busca da motivação no signo toponímico não é tão simples. Ela reconhece tal complexidade:

[...] a diversidade de influências culturais na formação étnica da população, como também, as especificidades físicas de cada região tornam dificultosa toda tentativa de explicação das fontes geradoras dos nomes de lugares e de acidentes geográficos. Em vista disso, o esclarecimento da origem de determinados topônimos fica na dependência da recuperação, não raras vezes, de fatores extralinguísticos como as características geossocioeconômicas de uma região e, consequentemente, as marcas étnicas e sociais da população habitante em tal espaço físico-cultural.

Para Siqueira (2012), a Toponímia⁶, é uma área de estudos linguísticos que se atém à descrição e à análise dos (nomes) designativos de lugares. Dessa forma, como já fora dito, um topônimo é um nome próprio ou comum que foi, por um processo deliberado de escolha ou seleção, convertido em designativo de um lugar, isto é, um nome originalmente arbitrário converte-se em nome de lugar por um processo marcado por motivações de diversas ordens.

Epistemologicamente, alguns autores dão o suporte teórico da pesquisa no sentido de caracterizar as principais vertentes e enfoques. Para escrever sobre toponímia se faz necessário recorrer às palavras de Isquierdo (1997, p. 31-32), quando esclarece que

[...] na situação específica do topônimo, além de determinar a identidade de lugares, a análise de sua estrutura pode fornecer elementos para esclarecer muitos aspectos referentes à história política, econômica e sócio-cultural de uma região. Desta forma, o papel do signo toponímico ultrapassa o nível apenas da identificação, servindo, pois, de referência para o entendimento de aspectos da realidade em que está inserido. Em segundo lugar, é preciso atentar para o fato de que toda nomeação, normalmente, é estimulada (ou até mesmo condicionada) por fatores inerentes à realidade circundante do denominador.

Nessa perspectiva, Oliveira e Isquierdo (2004) revelam que o léxico, quando se configura na via de acesso em um texto, representa a abertura, visão da qual um povo pode ver o mundo, pois através da língua se deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e os costumes de uma comunidade. “Em vista disso, o léxico de uma língua conserva estreita relação com a história cultural da comunidade” (p. 09).

Os estudos já realizados na Onomástica, na área da Toponímia, tomaram também por base a taxionomia elaborada por Dick (1990). Os objetivos desses estudos sempre se entrecruzam, pois, os pesquisadores por meio do léxico, buscam evidenciar os fatores sócio-histórico-culturais embutidos nos designativos dos lugares que tomam como recorte para suas pesquisas.

Dick (1992, p. 119), caracteriza ainda a Toponímia como o estudo dos designativos geográficos em sua bipartição física (rios, córregos, ilhas, morros) e humana (aldeias, povoados, cidades, fazendas), que a ela se reserva,

[...] o direito de se apresentar também como a crônica de uma comunidade, gravando o presente para o

conhecimento das gerações futuras. Assim é que os elementos mais diferenciadores da mentalidade do homem, em sua época e em seu tempo em face das condições ambientais de vida, que condicionam a sua percepção do mundo, estão representados nos nomes de lugares, senão todos, pelo menos os mais flagrantes.

Andrade (2010) considera a formação dos topônimos e observa que a Toponímia e Antroponímia são corresponsáveis pela preservação dos fatos culturais em determinado espaço temporal, funcionam como retentoras da memória de um grupo.

Na esteira desses debates, é que se pode fazer o cotejo das evidências da relação entre linguagem e cultura, pois eles vêm aprimorando muitos argumentos favoráveis a essa relação e ainda proporcionando novas visões da questão, reanalisada sob aportes teóricos mais elucidativos no que se refere ao âmbito, dimensões e contornos dessa relação, cujo escopo pode ser, possivelmente, entendido como um caminho de mão dupla, ou melhor, há entre língua e cultura uma inter-relação com contornos presumivelmente dialógicos. Nesse diálogo, o ambiente físico representa um aspecto preponderante haja vista o caráter icônico de uma variedade imensa de designativos de lugares. Em outras palavras, muitas escolhas dos nomes de lugares têm sua motivação caracterizada principalmente pelas especificidades topográficas do território.

Não se pode negar que a linguagem tem um papel preponderante para a definição, expressão e transmissão da cultura. As características de uma língua, tanto em relação à forma, sistema (sua gramática), quanto ao léxico, são imprescindíveis para um conhecimento mais aprofundado da cultura. Por outro lado, isso não significa, muito menos garante, que exista uma correspondência natural entre a forma de uma língua e as características da cultura daqueles que a falam.

Em contrapartida, quando se passa dos aspectos mais gerais para os níveis mais específicos da língua, pode-se estabelecer alguma relação entre língua e cultura a saber: o léxico, por exemplo, é um índice bastante sensível da cultura de um povo. As diferenças de vocabulário vão além dos nomes de objetos culturais, perpassam o mundo mental, criando expressões e conexões plenamente adequadas às manifestações culturais dos falantes (ora um topônimo constitui um item lexical da língua). É possível ainda conjecturar que língua e cultura não “correm” paralelamente, mas se interpenetram (continuamente).

Posto isso, há de se considerar que o objeto (topônimo) não pode ser recortado e afastado do espaço geográfico, social e histórico que lhe deu forma. Um topônimo faz parte de um contexto geolinguístico (língua cultural) que interfere nele, tanto quanto é interferido por ele durante e após ser “batizado”, pois ele passa a significar o próprio lugar nomeado, ressignificado constantemente também à luz de novas interações.

Nessa perspectiva, refletir sobre os aspectos envolvidos no ato de nomeação é desenvolver estudos que tenham sempre em foco todo o contexto em que esse ato está inserido e do qual emerge um nome. Não se trata, no entanto, de usar conceitos de outra área (Geografia) metaforicamente, mas de os ressignificar adequadamente, considerando para tanto tudo com que se relaciona o processo de nomeação dos lugares.

5. Considerações Finais

Fazer o cotejo entre algumas correntes da Linguística e a relação com os estudos toponímicos acerca foi o objetivo

⁶ Ou toponomástica, porque expressa o conceito de forma mais literal: “lugar + nome”, mas o termo mais usado é mesmo “Toponímia”.

que se buscou atingir. Entretanto, é forçoso ressaltar que estudar o ato de nomeação dos lugares em seus aspectos linguísticos por si só já se configura em um trabalho interdisciplinar que envolve diversas áreas do conhecimento humano bem como várias correntes do pensamento linguístico contemporâneo. Isto pode ser afirmado quando se considera que o signo toponímico, diferentemente do signo linguístico, apresenta um caráter motivado. Em outras palavras, os locativos sempre estão vinculados a elementos extralinguísticos que lhe deram origem. Sejam aspectos do ambiente ou da história do lugar, mais comumente a motivação para escolha de um locativo apresenta motivações de cunho cultural; costumes, lendas, ritos, mitos, personalidades que foram importantes para formação do lugar urbano. Em relação aos acidentes físicos (naturais), há as mesmas fontes de motivação, isto é, os nomes são escolhidos observadas as características naturais (metáforas), descritivos, portanto, e ainda são consideradas características culturais que marcaram, de alguma maneira, o lugar nomeado.

Na Onomástica, subárea da Linguística, de acordo com Isquerdo (2012), o signo toponímico fornece elementos esclarecedores referente à história de uma região e também a importância de se estudar temas regionais como causas denominativas, isso é aplicável ao estudo dos topônimos.

Para Isquerdo (2012), o nome do lugar é também uma manifestação cultural, pois pelo estudo linguístico dos locativos é possível encontrar valores, crenças e outros fatores que evocam a motivação do denominador (coletivo ou não) no momento da nomeação.

Posto isso, convém salientar importância de reafirmar a inter-relação entre língua, cultura e identidade, pois são conceitos intrinsecamente ligados, uma vez que é por meio da língua que a cultura se constitui, é difundida e expressa os processos de identificação.

À guisa de conclusão, é necessário observar no ideário do dos Estudos da Linguagem – que os aspectos da organização cultural e social mostram-se na língua, desta forma, pautar um estudo toponímico na relação língua e cultura, pode trazer à tona a motivação toponímia (quase sempre) apagada na memória da população do lugar, mas recuperável pela análise do léxico/topônimo (etimologia, morfologia, semântica, sintaxe, pragmática) nos nomes próprios de lugares.

6. Referências

- Andrade, Karrylleila dos Santos. (2010) *Atlas toponímico de origem indígena do estado do Tocantins*: ATITO. Goiânia-GO: Ed. PUC Goiás.
- Bakhtin, Mikael. (2010). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo-SP: Hucitec.
- Bosi, Alfredo. (1987) Plural, mas não caótico. In: Bosi, Alfredo (Org.). *Cultura Brasileira: temas e situações*. São Paulo-SP: Editora Ática, 1987.
- Bosi, Alfredo. (1995). Formações ideológicas na cultura brasileira. *Estudos Avançados*, 9 (25). p. 275-293. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v9n25/v9n25a21.pdf>. Acesso em: 15 Jun. 2015.
- Castell, Manuel. (2000). *O poder da identidade*. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Trad. Klaus Brandini Gerhardt. V. 2. 2 ed. São Paulo-SP: Paz e Terra.
- Dick, Maria Vicentina de Paula do Amaral. (1990). *A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira*. São Paulo-SP: Edições Arquivo do Estado.
- Dick, Maria Vicentina de Paula do Amaral. (1992). *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos. São Paulo-SP: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH/USP.
- Geraldi, João Wanderley. (1984). Concepções de linguagem e ensino de português. In: Geraldi, João Wanderley. (Org.).

- O texto na sala de aula: leitura e produção*. Cascavel-PR: Assoeste. p. 41-49.
- Hall, Stuart. (2004). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 9 ed. Rio de Janeiro-RJ: DP&A.
- Isquerdo, Aparecida Negri. (1997) A Toponímia como signo de representação de uma realidade. *Fronteiras – Revista de História (UFMS)*, Campo Grande-MS: v. 1, n. 2, p. 27-46, jul./dez.
- Isquerdo, Aparecida Negri. (2012) A motivação na toponímia: algumas reflexões. In: SELLA, Aparecida Feola; CORBARI, Clarice Cristina; BIDARRA, Jorge (Orgs.). *Pesquisas sobre léxico: reflexões teóricas e aplicação*. Campinas-SP: Pontes Editora. p. 81-96.
- Oliveira, Ana Maria Pinto Pires de; Isquerdo, Aparecida Negri. (Org.). (2004). *Ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande-MS: UFMS.
- Perfeito, Alba Maria. (2005). Concepções de linguagem, teorias subjacentes e ensino de língua portuguesa. In: Perfeito, Alba Maria. *Concepções de linguagem e ensino de língua portuguesa* (Formação de professores EAD 18), v. 1, ed. 1. Maringá-PR: EDUEM. p. 27-75.
- Sapir, Edward. (1980). *A Linguagem*. São Paulo-SP: Perspectiva.
- Saussure, Ferdinand de. (2008). *Curso de Linguística Geral*. 30ª ed. São Paulo-SP: Cultrix.
- Siqueira, Kênia Mara de Freitas. (2012). Nos trilhos da estrada de ferro: reminiscências de motivações toponímicas. *Revista da ANPOLL*, São Paulo-SP, v. 1, n. 32, p. 150-170. Disponível em: www.anpoll.org.br/revista/. Acesso em: 10 Jun. 2015.
- Silva, Tomaz Tadeu da. (2000) *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis-RJ: Vozes.
- Sousa, Alexandre Melo. (2012) O estado atual. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro-RJ, ano 18, n. 54, p. 600-611.
- Vygotsky Lev S. (2000) *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.